

SUMÁRIO EXECUTIVO DO RELATÓRIO MENSAL DE CONSULTORIA

Safras, Clima, Custos, Rentabilidade e Tendências dos Mercados de Grãos – 2025/2026

Março 2026 | Cogo Inteligência em Agronegócio

Guerra – custos agrícolas crescem com a alta do petróleo

A elevação do preço do petróleo em meio a tensões geopolíticas tende a pressionar os custos do agronegócio global. O aumento da energia encarece a produção de fertilizantes nitrogenados, dependentes de gás natural e eleva os custos logísticos, devido à alta do diesel e dos fretes. Ao mesmo tempo, o petróleo mais caro aumenta a competitividade de etanol e biodiesel, ampliando a demanda por matérias-primas como cana-de-açúcar, milho e soja. Esse movimento pode reduzir a oferta destinada ao mercado alimentar e pressionar os preços das commodities agrícolas, reforçando a interconexão entre energia, biocombustíveis e alimentos.



Clima – transição para neutralidade e aumento do risco de El Niño

A tendência é de transição para condição neutra do ENSO entre fevereiro e abril de 2026, com cerca de 60% de probabilidade, seguida pela manutenção da neutralidade durante o inverno do Hemisfério Sul. Os modelos climáticos indicam aumento gradual da probabilidade de formação de El Niño no segundo semestre de 2026, superando 80% no trimestre setembro-outubro-novembro. Embora o cenário imediato seja de neutralidade climática, o monitoramento se volta

para a possível instalação de El Niño até o final de 2026, o que pode provocar alterações relevantes nos regimes de chuva e temperatura e gerar impactos sobre a safra 2026/2027.

Fertilizantes – conflito no Oriente Médio eleva preços

O início do conflito no Oriente Médio provocou forte reação no mercado internacional de fertilizantes, especialmente nos nitrogenados, diante dos riscos de interrupções na produção e na logística regional. Nos portos brasileiros, os preços registraram forte volatilidade, com a ureia subindo mais de 30% e o nitrato de amônio cerca de 28%, enquanto fornecedores internacionais passaram a retirar ofertas do mercado diante da incerteza geopolítica.

O impacto potencial é relevante, já que o Oriente Médio responde por cerca de 40% das exportações globais de ureia. No curto prazo, os efeitos devem ser mais imediatos nos Estados Unidos, devido à safra de primavera. No Brasil, os impactos tendem a ocorrer de forma gradual, mas o cenário reforça a cautela do mercado em um país altamente dependente de fertilizantes importados.

Soja – petróleo e expectativa de compras chinesas elevam preços

Os contratos futuros de soja em Chicago registraram valorização recente, impulsionados pela expectativa de ampliação das compras chinesas de soja dos EUA e pela alta do petróleo, que aumenta a competitividade dos biocombustíveis e oferece suporte adicional à demanda por óleo de soja. Ao mesmo tempo, o mercado acompanha as negociações comerciais entre EUA e China, que podem resultar em novos compromissos de importação da oleaginosa norte-americana.

Paralelamente, riscos logísticos ligados ao conflito no Oriente Médio, como eventuais restrições no Estreito de Ormuz, alimentam preocupações com o aumento dos custos de combustíveis e transporte. Diante desse cenário, a perspectiva de fretes mais caros tende a reduzir o valor líquido recebido pelos produtores, estimulando a aceleração das vendas no Brasil. A recuperação do câmbio e a necessidade de cumprir compromissos financeiros também têm incentivado a comercialização da safra, contribuindo para a redução dos prêmios nos portos.

Milho – demanda aquecida e incertezas sobre a 2ª safra

Os preços do milho no Brasil seguem em trajetória de alta, sustentados pela postura firme dos vendedores e pela demanda aquecida. No mercado doméstico, a incerteza sobre a produção da 2ª safra 2026, devido ao atraso em parte do plantio, reforça o viés de alta. No cenário internacional, os preços também encontram suporte na valorização do petróleo, que aumenta a

competitividade do etanol de milho, e na possível redução da área plantada nos EUA em 2026/2027. Apesar disso, o conflito no Oriente Médio traz incertezas para a demanda externa. Uma eventual redução das compras do Irã, principal destino do milho brasileiro, poderia gerar excedentes internos. Ainda assim, como as exportações brasileiras se concentram no 2º semestre, o impacto sobre o mercado doméstico tende a ser limitado no curto prazo.



Trigo – menor importação sustenta recuperação de preços

O mercado brasileiro de trigo começa a apresentar recuperação moderada de preços nas regiões produtoras do Sul, impulsionada pela redução dos estoques internos, maior competitividade do produto nacional frente ao importado e retomada gradual da demanda da indústria moageira. Com os moinhos já abastecidos no curto prazo, a procura passou a se concentrar em lotes com entrega para abril e maio, sustentando as cotações. As importações brasileiras caíram fortemente, somando 215 mil toneladas em fevereiro, queda de 63% frente a 2025, o menor volume para o mês desde 2008. No cenário global, os preços também encontram suporte em fatores climáticos e geopolíticos, além da alta do petróleo, que pressiona os custos logísticos no mercado internacional de grãos.



Algodão – postura firme dos vendedores sustenta alta do preço

O mercado brasileiro de algodão em pluma apresenta cotações em alta, sustentadas pela postura firme dos vendedores. Compradores com necessidades imediatas têm demonstrado maior flexibilidade nas negociações, embora a liquidez permaneça limitada devido ao desalinhamento entre as partes. No mercado doméstico, os preços variam entre R\$ 3,55 e R\$ 3,60 por libra-peso, acima da paridade de exportação, estimada em R\$ 3,34 por libra-peso no Porto de Paranaguá. No cenário externo, o mercado acompanha as tensões geopolíticas, que podem influenciar o preço do petróleo, os custos de frete marítimo e os insumos agrícolas. O Brasil exportou 270,5 mil toneladas em fevereiro, queda de 14,6% frente a janeiro, mas estável na comparação anual.



Arroz – oferta restrita sustenta leve alta dos preços

O mercado de arroz em casca no Rio Grande do Sul apresenta baixa liquidez, com negociações lentas e compras pontuais por parte da indústria. As cotações registram leve alta sustentada pela postura firme dos produtores, que restringem a oferta no mercado enquanto aguardam maior entrada da nova safra. O preço médio do arroz em casca registra alta de 4,5% nos últimos 30 dias. Ainda assim, os valores permanecem 28% abaixo do observado no mesmo período de 2025, refletindo um mercado estruturalmente pressionado no comparativo anual. Paralelamente, produtores relatam dificuldades na colheita devido à escassez de diesel,

causada por atrasos nas entregas de combustível em meio à alta do petróleo e às tensões geopolíticas envolvendo o Irã.



Feijão – oferta limitada sustenta forte valorização do carioca

O mercado brasileiro de feijão encerrou fevereiro com forte valorização dos preços, especialmente do feijão carioca, cujo preço médio avançou 29,3% de janeiro para fevereiro, registrando a maior variação mensal já observada para o produto. Em março, o mercado apresenta liquidez moderada, com compradores mais cautelosos e focados na reposição do varejo, enquanto a oferta da 1ª safra 2025/2026 permanece limitada, sustentando as cotações. Após a forte alta de fevereiro, parte dos compradores se afastou temporariamente do mercado devido às dificuldades de repassar os preços ao atacado e ao varejo. As cotações do feijão carioca notas 9/10 giram entre R\$ 335 e R\$ 350 por saca de 60 kg, ante R\$ 300 a R\$ 320 em fevereiro. Já o feijão preto extra está entre R\$ 185 e R\$ 205 por saca, refletindo também um cenário de oferta mais restrita.